

VAN  
DOG

A. PILAR

www.vdcartoons.blogspot.com



## CRÓNICA

## CÁ POR MIM

Alice Vieira



## VIVA A REPÚBLICA

Sempre que chegam os primeiros dias de Outubro, lembro-me deles.

Dos velhos tios que me criaram.

Ferozmente republicanos, sempre os soube, até ao 25 de Abril, metidos em todas as revoluções, em todas as conspirações. Lá em casa dizia-se que tinham nascido com asas nos pés, porque raramente se sabia deles. "Quanto menos vocês souberem, melhor", ainda me lembro de lhes ouvir dizer, nas vezes em que os encontrava à mesa da casa de jantar.

As histórias que sempre lhes ouvi contar tinham pouco a ver com fadas e príncipes.

Todas começavam e acabavam nas barricadas da Rotunda, no dia 5 de Outubro de 1910.

E, para que tudo ganhasse ainda mais força, arregaçavam as calças, e exibiam as cicatrizes desse dia, como medalhas ganhas no campo de batalha.

Eles tinham lá estado.

E, antes da Rotunda, tinham aguentado tudo: a incerteza de uma revolução que, naquele ano de 1910, tantas vezes estivera para sair para a rua e tantas vezes acabara por falhar.

A primeira tentativa, de dia 1 de Abril, e depois as que tinham estado marcadas para Julho e Agosto e nada.

Havia sempre alguma coisa a impedir, ou alguém que, à última da hora, roia a corda.

Lisboa era um barril de pólvora, todos os dias rebentavam bombas, todos os dias a polícia atirava com gente para os calabouços do Limoeiro. Tudo era secreto e tudo se sabia.

Os meus tios eram muito velhos, e falavam de tudo isto como se tudo isto tivesse acontecido na véspera. Mostravam-me jornais antigos, e sobretudo passavam-me para as mãos números de uma revista muito antiga, chamada a *Ilustração Portuguesa*.

E eu ficava pasmada a olhar para aquelas fotografias, sem perceber - como ainda hoje não percebo - como é que uma revolução podia ter sido feita por homens de fato completo, colete e gravata, corrente de ouro a prender o relógio, e chapéu na cabeça.

As páginas da *Ilustração Portuguesa* foram os meus livros de fadas.

E durante muito tempo pensei que as revoluções eram todas assim, com homens anafados, de fartos bigodes, em traje de passeio.

E caíram em hoje no colo alguns números, guardados há muito numa caixa que, sabe-se lá porquê, abri esta tarde.

As fotografias desse dia histórico prolongam-se por páginas e páginas.

E aqui são as cavalações do Senhor Conde de Sabrosa, que serviram de apoio aos populares.

E ali é o prédio da Rua Joaquim António de Aguiar, n.º 3, propriedade do Senhor José da Costa, que foi transformado em quartel-general e - garantia a legenda - se tinha assim transformado em lugar histórico. (Não transformou, claro, já nem existe, e ninguém se lembra, ao subir a rua, da casa que abrigou os oficiais no 5 de Outubro...)

Mas o Senhor José da Costa devia ser republicano dos quatro costados e não podia perder a oportunidade de posar para a posteridade, mesmo em plena revolução, e quis tirar uma fotografia à porta de sua casa, e aí está ele, no próprio dia 5 de Outubro, encostado ao gradeamento da sua moradia, sorrindo para a objectiva, também ele

vestido de ponto em branco, como se recebesse visitas para um jantar de gala. A seu lado dois magalãs compõem o cenário, descontraídos, desarmados, encostados à parede, à espera que a revolução começasse.

E, no entanto, o jornalista da *Ilustração Portuguesa* afirma que nas cavalações do Senhor Conde de Sabrosa o povo e alguns soldados realizaram "uma admirável defesa, fazendo fogo de todas as janelas e guardando bravamente a passagem".

E a gente olha para as suas caras, sempre de olhos postos nas objectivas dos fotógrafos, olha para os seus bigodes, para os seus fatos sem uma ruga, para as cartolas que equilibram prodigiosamente na cabeça enquanto, de joelho em terra, fazem pontaria para um inimigo que não se vislumbra - e não entende como tudo foi possível.

Como foi possível que, enquanto a revolta se ia espalhando pela cidade, no Palácio Real D. Manuel II jantasse calmamente com o Presidente da República do Brasil, de visita ao nosso país!

Muito provavelmente, enquanto o Senhor José da Costa se deixava fixar para a eternidade, e enquanto os meus tios se preparavam para as cicatrizes, comiam eles salmão, escalopes de vitela, faisões da Boémia - mas já não tocaram nos espargos de Argenteuil - porque alguém avisou que convinha apressar o jantar...

A República triunfou porque tinha mesmo de triunfar. Porque a monarquia estava tão desacreditada e tão moribunda que não teve ninguém que saísse em sua defesa.

Ou, como escreveu o jornalista Eduardo Schwalbach, no telegrama que enviou no dia seguinte para a Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, a dar conhecimento do que se passara, "ao cabo de longos e porfiados esforços, os monárquicos acabam de implantar a República em Portugal".

E, vamos lá, com uma ajudinha dos meus tios.

